TL7258

TRIBUNAL PERMANENTE DOS POVOS
SESSÃO SOBRE TIMOR-LESTE
LISBOA, 19, 20 e 21 Junho 1981

Resumo da responsabilidade
do Gabinete de Imprensa

DEPOIMENTO DE BRUNO PISTOCCHI
missionário em Timor durante 3 anos

"Fui enviado para Timor oriental para ensinar", assim começou a sua intervenção Bruno Pistocchi. "A longa tradição das missões católicas era aprender o Evangelho e aprendê-lo em português: antes de partir para Timor eu deveria passar oito meses em Lisboa."

"Nenhum dos que se ocupavam da minha preparação antes de partir se interessou em saber se eu estudava a língua dos timores ou se eu tinha algum conhecimento, mesmo superficial, da cultura e da realidade que lá iria encontrar. Bastava que eu falasse português e que estivesse pronto a ensinar que a presença dos brancos era uma garantia de civilização, de cultura, de progresso, e, por isso, de fé".

Mas Pistocchi apercebeu-se de que todos os passos e objectivos da sua missão eram falsos: "O povo timor não tinha qualquer necessidade da minha eficácia, das minhas missas volantes, das minhas viagens de jeep durante as quais eu cobria de poeira a fila de pessoas que se dirigiam para o mercado de domingo, carregadas de sacos de batata-doce e de mandioca".

Após uma estadia prolongada com a tribo de Makassae (78 mil pessoas), "que se encontra neste momento no centro da resistência contra a invasão indonésia", Pistocchi reforçou esta sua convicção. "Conheci missionários que nunca participaram nas cerimónias animistas daqueles a quem pretendiam converter mas, pelo contrário, as desprezavam abertamente, como coisas bárbaras e diabólicas".

E a terminar: "Na situação actual, em que os timorenses, para se desenbaraçarem de um estrangeiro, se vêem obrigados a pedir a solidariedade de outros estrangeiros, entre os quais daqueles que durante 400 anos nunca os compreenderam", isso significa apenas que o povo maubere procura "a liberdade de poder decidir do seu próprio destino, (...) que ele não pretende, sobretudo, morrer em silêncio".